



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

BÁRBARA LEMOS CORRÊA GOMES

MALLEUS MALEFICARUM:
A IMAGEM DA MULHER NO
MANUAL DA CAÇA ÀS
BRUXAS

Brasília

2017

BÁRBARA LEMOS CORRÊA GOMES

**MALLEUS MALEFICARUM:
A IMAGEM DA MULHER NO
MANUAL DA CAÇA ÀS
BRUXAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História
do Instituto de Ciências Humanas da
Universidade de Brasília, como requisito
parcial para a obtenção de grau de
licenciada em História, sob orientação da
Professora Dra. Cláudia Costa Brochado.

Brasília

2017

RESUMO

O presente trabalho pretende demonstrar como os espaços de atuação feminina sofreram mudanças na Idade Média, tomando por base o conceito de política sexual, a fim de demonstrar não somente como ocorriam as relações entre os sexos no período medieval, mas também o conteúdo do *Malleus Maleficarum*. Também conhecido como “Martelo das Bruxas” – o manual, utilizado como principal norteador do movimento da “caça às bruxas”, trazia instruções sobre como identificar e eliminar praticantes de feitiçaria, sendo um essencial instrumento para a perseguição que levou à morte milhares de pessoas, em sua maioria mulheres, sob a acusação de heresia. Por meio do estudo do conteúdo do *Malleus Maleficarum*, pretende-se demonstrar como a imagem feminina foi demonizada, permitindo assim que a caça às consideradas bruxas fosse direcionada principalmente às mulheres, queimadas aos milhares nas fogueiras.

Palavras-Chave: Mulheres, Bruxas, Malleus Maleficarum, Martelo das Bruxas, Inquisição, Política Sexual.

INTRODUÇÃO

A caça às bruxas consiste em uma perseguição religiosa que levou à morte milhares de pessoas, em sua maioria, mulheres. A feitiçaria e magia nem sempre foram associadas ao mal, assim como o uso da natureza na solução de problemas de saúde e o conhecimento sobre a sexualidade e o parto - saberes associados às mulheres – não foram sempre vistos com desconfiança.

O que levou à perseguição daqueles que dominavam esse tipo de saber é justamente o que se pretende tentar elucidar no presente artigo. De que modo a figura da mulher, outrora considerada por algumas culturas forte, fonte de vida, conhecedora das curas e símbolo de fertilidade passou a ser considerada um veículo demoníaco, causadora dos males e infortúnios da humanidade, feiticeira com objetivos maléficos e destruidores?

As condições históricas que colaboraram para a demonização da figura da mulher, culminando na elaboração de um livro que funcionava como guia para a perseguição das bruxas, o *Malleus Maleficarum*, conhecido como a bíblia dos inquisidores, deram-se de modo a construir a imagem da bruxa como uma figura a ser eliminada, buscando minar os amplos conhecimentos das mulheres como se fossem obras demoníacas ou meios de causar mal à sociedade.

A Igreja foi uma das grandes responsáveis pela construção da figura da bruxa, tendo o apoio do Estado e da sociedade, especialmente a comunidade médica majoritariamente masculina, a qual encontrou nas bruxas uma “cômoda desculpa para seus cotidianos fracassos: tudo o que não podiam curar era, logicamente, um feitiço”¹. A atribuição do caráter herético às mulheres da época as levou a serem as principais vítimas das fogueiras da Inquisição na chamada caça às bruxas.

Entender de que maneira as mulheres passaram a ser perseguidas como bruxas é um passo importante na compreensão da importância da história das mulheres e a criação do binômio mulher-bruxa, sua efetiva perseguição e sua conseqüente restrição ao ambiente doméstico e afastamento dos estudos ajuda a demonstrar como a reprodução de valores patriarcais por elas internalizados século após século permanece acontecendo.

¹EHREINREICH, Barbara ; ENGLISH, Deirdre. Bruxas, Parteiras e Enfermeiras: Uma história das curandeiras. 2ª ed. The Feminist Press, p. 24.

Para se tratar do tema da caça às bruxas na Idade Média e Moderna, faz-se necessário, primeiramente, que seja esclarecido o modo pelo qual a imagem feminina foi ligada à magia e à negatividade e, ainda, abordar a forma pela qual a posição das mulheres na história e política é alterada à medida que se passa de um período para outro.

No que diz respeito à imagem feminina na Idade Média, pode-se afirmar que o mais próximo de um modelo feminino cristão seria Eva, a representação da sucumbência ao pecado. Eva seria nada mais do que a antítese de outra personagem feminina de importante relevância para a construção do ideal feminino: Maria. Maria, por sua vez, representa a perfeição e a pureza, sendo aquela que concebe sem pecado, mulher “pura, plena, perfeita, limpa sem mácula, bela, verdadeira, mãe e amiga do criador”.²

A medievalista Claudia Brochado analisou obras ibéricas da baixa Idade Média que têm as mulheres como tema e muitas delas expressavam abertamente hostilidade à mulher.³ Esse processo está inserido na chamada *Querelle des Femmes*, movimento literário e político que surge como forma de enfrentamento das obras contra as mulheres, caracterizando-se justamente por textos que rebatem as duras críticas feitas ao sexo feminino. As obras de Isabel de Villena, Vitta Christi, e de Christine de Pizan, *A Cidade das Damas*, são exemplos de textos escritos em defesa do sexo feminino quando da ocorrência da *Querelle des Femmes*.

Claudia Brochado analisou, por exemplo, a obra de Jaume Roig, médico e nobre de Valencia, e também a do franciscano Francisco Eiximenis. Nesses autores, bem como nos escritos de tantos outros autores da época, nota-se que o modelo feminino ideal – Maria – é utópico, inatingível, inalcançável e que as críticas ao sexo feminino crescem cada vez mais, com discursos carregados de ataques às mulheres.

Porém, à época, havia também mulheres que escreviam, que possuíam acesso aos estudos e dominavam a língua escrita e a leitura. No geral, as mulheres que produziam literatura nesse período eram ligadas à Igreja, de modo que o espaço religioso representa

² BROCHADO, Cláudia Costa. *Evangelhos em feminino: interpretações de uma escritora medieval ibérica*. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420371>, p. 385.

³ *Ib.*, p. 372.

um “lugar privilegiado da memória feminina”⁴ no que diz respeito à Idade Média. Ante a produção de obras literárias que perpetuavam o discurso anti-feminino, com a misoginia expressando-se abertamente e obtendo coesão social por meio de libelos, peças de teatro, romances, histórias populares, sermões e legislações⁵, culmina-se na chamada *Querelle des Femmes*, movimento literário resultante do conflito entre os sexos, que contou com representantes femininas como Christine de Pisan e Isabel de Villena.

Christine de Pizan, em sua obra *La Cité des Dames* (A Cidade das Damas), descreve um local habitado somente por mulheres, em que elas podem viver em paz e segurança, sendo participantes ativas inclusive da vida política. Nessa obra, a autora traz um discurso consciente acerca dos “direitos” das mulheres e das “desigualdades” entre os sexos, especialmente do tratamento de inferioridade dispensado às mulheres naquele período.⁶

Isabel de Villena, abadessa de um convento de Valencia que viveu entre 1430 e 1490, é outra representante importante do movimento literário que se manifestou contra os ataques ao sexo feminino no período. Contemporânea e conterrânea de Eiximenis e Roig, busca, em sua obra *Vita Christi*, refutar as acusações feitas ao sexo feminino, especialmente por Roig em sua obra *Llibre de les Dones, o Spill*. Nessa obra, Jaume Roig cita diversos “defeitos” tidos como tipicamente inerentes ao sexo feminino, num discurso misógino carregado de pesadas críticas e acusações, tais como a de que “as manifestações de sofrimento feminino com o parto são simulações para despertar piedade”⁷, além de afirmar que as mulheres, apesar de possuírem um modelo de perfeição a ser seguido (novamente, Maria), permanece perpetuando “a imperfeição típica do seu sexo”⁸.

No livro *Vita Christi*, Villena aborda personagens femininas da vida de Jesus, ao mesmo tempo em que busca abordar todos os temas debatidos por Roig em sua obra,

⁴ Ib., p. 373.

⁵ ANDERSON, Bonnie S.; ZINSSER, Judith P. *Historia de las mujeres: una historia propia*. Barcelona: Crítica, 1991. v. 2, p. 456.

⁶ PIZAN, Christine de. *A Cidade das Mulheres*. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. João Pessoa, Ed., Universitária – UFPB, 2012.

⁷ BROCHADO, Cláudia Costa. *Evangelhos em feminino: interpretações de uma escritora medieval ibérica*. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420371>, p. 388.

⁸ Ib., p. 385.

discordando inclusive de São Tomás de Aquino no que diz respeito à função de Maria após a morte de Jesus – enquanto São Tomás acreditava que Maria usaria seu dom da sabedoria apenas para contemplação⁹ em sua obra *Summa Theologica*, Villena dirá que Maria passa a ensinar teologia para os apóstolos após a morte de Cristo. Ademais, preocupa-se em refutar os argumentos de Roig no que concerne à escolha de Jesus pelas mulheres para divulgarem a notícia de sua ressurreição: Roig dizia ter sido feita essa escolha pela tendência feminina à fofoca, de modo que a notícia assim se espalharia mais rápido, ao passo que Villena justifica a escolha de Jesus com base na confiança que as mulheres inspiram e que Jesus nelas teria depositado.

A Maria de Villena, contrariando a imagem da perfeição simbólica, não era somente símbolo de bondade, santidade e pureza, mas representava também a fortaleza e sabedoria femininas. Para Villena, Maria recupera a honra das mulheres, há muito perdida quando Eva cede ao pecado no Éden.¹⁰ Outro fator importante do livro *Vita Christi* é o fato de que Maria Madalena aparece nele quase que como protagonista, ao lado de Maria, de modo a procurar evidenciar características positivas da personagem, como o amor que ela manifesta por Jesus.

No que diz respeito à política sexual, ou seja, aquela que se fundamenta nas relações entre os sexos, a historiadora Maria Milagros Rivera Garretas remete à pesquisa da filósofa Prudence Allen, que traz três teorias acerca da política sexual na Idade Média. Segundo Allen, no período que vai do século XII até meados do século XIII, os sexos são vistos como diferentes em sua essência, porém possuem o mesmo valor, teoria por ela nomeada de Complementariedade dos Sexos, que preconiza não haver uma hierarquia entre os sexos, permitindo uma maior atuação das mulheres nos espaços da política e religião.

Já em meados do século XIII, uma parte mais conservadora da sociedade passa a confrontar essa complementariedade, com a ajuda das universidades e da Igreja, propagando ideias que inferiorizavam o sexo feminino. Nesse novo momento, surge o que Prudence Allen denominou como teoria da Polarização ou Polaridade entre os sexos, na qual homens e mulheres são essencialmente distintos, sendo os homens vistos como superiores às mulheres. Aqueles que estavam no poder nesse período, em sua maioria homens religiosos, procederam a uma revisão das obras de Aristóteles, o que

⁹ Ib., p. 377.

¹⁰ BROCHADO, Cláudia Costa. *Evangelhos em feminino: interpretações de uma escritora medieval ibérica*. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420371>, p. 386.

colaborou para reforçar ideias hostis às mulheres.

Aristóteles fez a diferenciação entre o ser humano e os demais seres vivos, chegando à conclusão de que, a despeito de todo homem ser racional, a racionalidade se manifesta de modos diferentes em homens, mulheres, crianças e escravos. Segundo ele, em se tratando das mulheres, não se verifica autoridade em suas deliberações racionais,¹¹ necessitando a mulher de orientação e direção por parte dos homens. Ainda de acordo com o pensamento do filósofo, a virtude maior da mulher seria “obedecer”, enquanto a do homem, dominar.¹² Essa revisitação aos textos de Aristóteles, juntamente à mudança da política sexual para uma notadamente misógina, que coloca as mulheres em posição de inferioridade em relação aos homens, foi batizada por Prudence Allen de “Revolução Aristotélica”. De acordo com Milagros Rivera Garetas:

“Do retrocesso e dessa perda de autoridade feminina se beneficiaram aqueles que sustentavam até então instituições dotadas de muito poder social: a Igreja católica, por exemplo, através de seu braço judicial, o tribunal da inquisição e através das universidades, dominadas então pelo clero. Beneficiou, também, as monarquias feudais europeias, que iniciaram então um caminho de incremento do seu poder político, caminho que as conduziria alguns séculos depois, ao absolutismo. A consolidação, em princípios do século XIV, das propostas da revolução aristotélica coincide com o começo da difusão, primeiro na Itália e depois no resto da Europa, do movimento cultural e político laico que se costuma chamar Humanismo: um movimento que, com o Renascimento que o seguiu, é considerado, pela historiografia científica, de progresso para a humanidade, porém para a historiografia feminista de progresso para os homens e de retrocesso para as mulheres”.¹³

A Teoria da Polaridade estabeleceu, assim, um entendimento contrário à Teoria da Complementariedade, enquanto a hierarquização das relações entre os sexos colaborou com a retração dos espaços de atuação das mulheres, restringindo seu acesso ao conhecimento e sua liberdade de produção¹⁴. A esse respeito, sustentam Bonnie Anderson e Judith Zinsser:

Os homens das cidades encontram novos modos de enunciar os velhos temores. Os oradores seculares e religiosos ressuscitaram com novo vigor e clareza o leque de

¹¹ ALLEN, Prudence. *The concept of woman: the Aristotelian Revolution (750 B.C.- A.D. 1250)*. Montreal: Eden Press, 1985, p. 109. (Tradução do inglês).

¹² *Ib.*, p. 112.

¹³ RIVERA GARETAS, Maria Milagros. *La política sexual*. In: *Las relaciones em la Historia de la Europa Medieval*. Valencia, Tirant lo Blanch, 2006, p. 156. (Tradução livre)

¹⁴ RIVERA GARRETAS, Maria Milagros. *La diferencia sexual en la historia*. Valencia: PUV, 2005, p. 97.

antigas imagens negativas das mulheres. Eram descritas como as instigadoras do vício, perigosas por natureza e potencialmente fora de controle: irmãs ingratas, sedutoras insaciáveis, esposas adúlteras e harpias. Os homens das cidades elaboraram leis para controlar e reprimir as mulheres, cujo castigo era desde multas a execução. Fizeram das mulheres objeto de cruéis piadas, ridicularizando-as para alimentar seu sentimento de superioridade¹⁵.

Com a chegada do humanismo e do Renascimento, uma nova política sexual foi tomando forma. Allen denomina essa nova forma de se ver as relações entre os sexos de Teoria da Igualdade ou Unidade dos Sexos, segundo a qual existiria uma suposta igualdade entre os sexos. Tanto Prudence Allen quanto Rivera Garretas identificam esse momento como sendo um avanço se comparado à Teoria da Polaridade, considerando em contrapartida a Teoria da Unidade dos sexos menos rica que a Teoria da Complementariedade, uma vez que instaura um neutro universal que é expresso no masculino, promovendo assim uma perda dos espaços femininos.¹⁶ Maria Rivera Garretas, inclusive, ressalta que “a unidade dos sexos limita apenas a mulher, passando o masculino a ser medida tanto para homens quanto para mulheres.”¹⁷

Assim, em resumo, segundo Prudence Allen¹⁸, em meados do século XIII, a relação entre os sexos baseada na “complementaridade” é substituída por outra fundada na “polaridade”, no que tange à política sexual, e, por fim, surge uma relação baseada na “unidade” dos sexos. Desse modo, em conformidade ainda com o pensamento de Milagros Rivera, nota-se que há um reforço da ideia de superioridade do homem em relação à mulher, fator que será de suma importância na abordagem do tema da magia, das bruxas e da perseguição que a elas se sucedeu, mormente na Idade Moderna.¹⁹

As obras de Villena e Pizan servem para ilustrar que havia mulheres naquela época com acesso à escolarização e dispostas, num cenário de crítica e menosprezo à mulher, a refutar as acusações feitas.

Nota-se que a figura feminina, que na alta Idade Média possuía acesso à

¹⁵ ANDERSON, Bonnie S. e ZINSSER, Judith P. *Historia de las mujeres: una historia propia*: vol. 1. Barcelona: Critica, 1991, p 156.

¹⁶ RIVERA GARRETAS, Maria Milagros. *La diferencia sexual en la historia*. Valencia: PUV, 2005, p. 101.

¹⁷ *Ib.*, p. 100.

¹⁸ ALLEN, Prudence. *The Concept of Woman. The Aristotelian Revolution (750BC-Ad 1250)*. Montreal-Londres, Eden Press, 1985.

¹⁹ RIVERA GARETAS, Milagros Maria. La política sexual. In: *Las relaciones em la Historia de la Europa Medieval*. Valencia, Tirant lo Blanch, 2006, p. 153.

literatura, às ciências e também às artes, passa a ser contestada no lapso temporal que se estende do fim do século XIV até meados do século XVII, situação que permite o estabelecimento de condições para a instauração da caça às bruxas, em que milhares de mulheres consideradas feiticeiras foram perseguidas, torturadas e queimadas vivas em fogueiras a mando da Inquisição. Assim, a perseguição às bruxas coincide, ironicamente, com o período em que está tendo início a Renascença, considerada a Idade das Luzes, porém aquela em que se levou ao extremo a matança de mulheres nas fogueiras da Inquisição.

A demonização da figura feminina

Ao associar a imagem da mulher ao que é fraco e carnal inicia-se um processo de “demonização da mulher”, eis que, num cenário em que a transgressão sexual é conectada diretamente à transgressão da fé, a mulher seria, por natureza, mais propensa a ser utilizada pelo demônio na efetivação de seus planos malignos, pois é pela sexualidade que ele age para apropriar-se do corpo e da alma dos seres humanos. Sendo a mulher altamente relacionada à sexualidade, seria ela sempre mais vulnerável a ser tomada pelo mal e, conseqüentemente, a cometer todos os atos maléficis dos quais passaram a ser acusadas.

No que diz respeito à magia, não era incomum que se acreditasse em meios ocultos com objetivos maliciosos ou bondosos, especialmente em se tratando de indivíduos mais humildes, como camponeses, ainda vinculados ao paganismo. Tradições jurídicas gregas, romanas e germânicas condenam a bruxaria e demonstram que a crença na magia não é algo novo na Idade Média. Segundo Teresa Vinyoles, ao longo dos séculos XIV e início do século XV, vai-se construindo progressivamente a demonização de certas práticas ancestrais, que até então eram relativamente aceitas e reconhecidas. Tais práticas, fortemente relacionadas com a vida, o nascimento, a saúde, o amor, a sexualidade e a morte estavam, no geral, em mãos femininas.²⁰

Assim, estando as mulheres mais próximas do conhecimento a respeito do uso das ervas, da medicina popular e até mesmo da higiene, além das supracitadas práticas, a sua associação com o universo mágico foi se fortalecendo. Havia uma espécie de

²⁰ VINYOLES VIDAL, Tereza. *De medicina, de magia y de amor: saberes e práticas femeninas em la documentación catalana bajomedieval*. Disponível em: https://www.durango-udala.net/portalDurango/RecursosWeb/DOCUMENTOS/1/1_5148_3.pdf, p, 227.

fusão constante entre a magia, a medicina e a religião²¹, tendo ocorrido um forte movimento de feminização da magia, por estarem as mulheres mais associadas a determinadas práticas, conforme nota-se a partir da leitura do trecho a seguir, de Teresa Vinyoles Vidal:

“La feminización de la magia no es nueva, si bien también la practicaban los hombres, documentamos a más mujeres que hombres ejecutando ciertas prácticas que, toleradas o prohibidas, desde la antigüedad se identificaban con la magia”.²²

A relação das mulheres com os partos, a alimentação, a higiene, em suma, com o corpo e a saúde ocasiona uma mescla de sentimentos que variam entre a admiração e o medo, o que culmina na demonização dos saberes femininos relacionados à vida. Essas mulheres sábias, herdeiras de conhecimentos ancestrais, em meados do século XV ainda não eram conhecidas como bruxas, mas já se especulava que poderiam estar envolvidas com espiritualismo, magia e feitiços.

Quando da criação da Inquisição, braço jurídico da Igreja, em 1227 ainda não há um foco específico na perseguição de mulheres e de praticantes da bruxaria, mas sim em acabar com a dissidência religiosa daqueles grupos que não reconheciam a autoridade da Igreja. O foco primeiro da Inquisição era combater aqueles em desconformidade com a Igreja e suas práticas, os hereges e grupos que comportavam-se de forma diferente da estabelecida pela Igreja como modo de vida padrão, ainda que fossem grupos cristãos, tudo isso ocorrendo numa época em que o binômio mulher-bruxa ainda não fora estabelecido.

Porém, à medida que a busca pela eliminação da dissidência religiosa aumentava, o repertório de acusações fazia o mesmo. Acusar alguém de práticas mágicas, e portanto heréticas, era não só uma forma de estigmatizar os dissidentes, mas também um meio de dizimar inimigos. Por vezes, as acusações de heresia eram vinculadas ao sexo e é aí um dos pontos em que se insere a mulher como principal acusada da prática de atos hereges.

A mulher está ligada à sexualidade de maneira intrínseca e, para a Igreja, utilizando como exemplo Eva e o Pecado Original, não tem dificuldades em associar cada vez mais a imagem da mulher à magia, bruxaria e a prática de atos considerados

²¹ VINYOLES VIDAL, Tereza. *De medicina, de magia y de amor: saberes e práticas femeninas em la documentació catalana bajomedieval*. Disponível em: https://www.durango-udala.net/portalDurango/RecursosWeb/DOCUMENTOS/1/1_5148_3.pdf, p, 227.

²² *Ib.*, p, 229.

demoníacos. À época, “acreditava-se que o demônio realmente possuía poderes terrenos e o exercício desse poder por algumas camponesas (não importando se com fins benéficos ou maléficos) aterrorizava a Igreja e o Estado²³”.

Inserese aí também o fato de que as supostas bruxas perseguidas normalmente eram camponesas, mulheres pertencentes a uma classe social não dominante que viviam à margem do *modus vivendi* da época: sozinhas, sem proteção masculina, solteiras, conectadas aos conhecimentos sobre cura, natureza, parto e higiene. Assim, nota-se que “de fato, as bruxas representavam uma ameaça política, religiosa e sexual para a Igreja e também para o Estado.²⁴”

Ainda nesse sentido, é possível perceber que:

Quanto maior fosse a capacidade satânica dos camponeses para resolver seus próprios problemas, menos dependeriam de Deus e da Igreja e maior seria o risco potencial de que empregassem essas faculdades para se opor à ordem de Deus. Feitiços eram considerados pelo menos tão eficazes quanto as orações para curar os enfermos. Mas enquanto essas últimas dependiam do controle e da aprovação da Igreja, os feitiços e magias não. Portanto, as curas mágicas, ainda quando dessem resultados, constituíam uma interferência perversa contra a vontade divina e seu êxito era resultado da intervenção do demônio. A própria cura aparecia como um feito maligno. A distinção entre curas divinas e diabólicas não constituía nenhum problema, mas evidentemente o Senhor atuaria através dos padres e médicos e não por mediação de mulheres camponesas.²⁵

E, ainda:

Na perseguição às bruxas, convergiu a misoginia, o antiempirismo e a obsessão sexofóbica da Igreja. Tanto o empirismo como a sexualidade representavam para esta uma rendição frente aos sentidos, uma traição contra a fé. A bruxa encarnava, portanto, uma tríplice ameaça para a Igreja: era mulher e não se avergonhava de ser; aparentemente formava parte de um movimento clandestino organizado de mulheres camponesas; e finalmente era uma curandeira cuja prática estava baseada em estudos empíricos. Frente ao fatalismo repressivo do cristianismo, a bruxa oferecia a esperança da mudança neste mundo.²⁶

Outro fator que colaborou para a demonização da mulher curandeira foi o fato de

²³ EHREIREICH, Barbara ; ENGLISH, Deirdre. *Witches, Midwives & Nurses: A History of Women Healers*. 2ª ed. The Feminist Press, p. 17.

²⁴ *Ib.*, p. 8.

²⁵ *Ib.*, p. 17.

²⁶ EHREIREICH Barbara ; ENGLISH, Deirdre. *Witches, Midwives & Nurses: A History of Women Healers*. 2ª ed. The Feminist Press, p. 19.

a medicina ter sido transformada em uma profissão reservada aos homens, de modo que aqueles que exercessem a medicina sem a formação universitária exigida seriam punidos. O acesso à universidade era vetado às mulheres, mesmo àquelas que possuíam condições de pagar por seus estudos, as quais, inclusive, foram os primeiros alvos da legislação, por disputarem com os médicos a atenção da mesma clientela urbana.²⁷ Em momento posterior, a perseguição estende-se às camponesas curandeiras, de modo que não somente a Igreja as perseguia pela prática de atos heréticos, mas também o Estado laico, por exercício ilegal da profissão.

A esse respeito, Barbara Ehreireich e Deidre English escrevem:

Durante o período de caça às bruxas, a Igreja legitimou explicitamente o profissionalismo dos médicos, denunciando por heresia os tratamentos feitos por não profissionais. “Uma mulher que tem a ousadia de curar *sem ter estudado* é uma bruxa e deve morrer”. Por último, o frenesi contra as bruxas proporcionou aos médicos uma cômoda desculpa para seus cotidianos fracassos: tudo o que não podiam curar era, logicamente, um feitiço.²⁸

Desse modo, pode-se notar que, conforme escreveu Franco Cardini:

Uma grande quantidade de superstições até então dispersas convergiu para esta nova imagem das bruxas, que era a imagem de uma mulher má, aliada do diabo e enlaçada a ele através de um pacto, cuja tarefa era a derrubada da cristandade. Foram os teólogos do século quinze que aperfeiçoaram os elementos que ainda faltavam à imagem “definitiva” da bruxa: o pacto com o diabo e a realidade dos poderes mágicos. Foi uma revolução teológica e jurídica que inaugurou a “caça às bruxas”²⁹.

Já em 1484, o papa Inocêncio VIII, por meio de uma bula papal, delega aos inquisidores e professores de teologia dominicanos Sprenger e Kramer, os quais chama de queridos filhos, “o poder de proceder, para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas, sem qualquer impedimento, de todas as formas cabíveis, conforme as normas da Inquisição contra quaisquer pessoas de qualquer classe ou condição social, corrigindo-as, multando-as, prendendo-as, punindo-as, na proporção de seus crimes.”³⁰

Ao emitir a bula papal em questão, o papa Inocêncio VII pretende que “toda a depravação herética seja varrida de todas as fronteiras e de todos os recantos dos Fiéis”, desejoso de que se aplique “remédios potentes para prevenir a doença da heresia e de

²⁷ *Ib.*, p. 22.

²⁸ *Ib.*, p. 24.

²⁹ CARDINI, Franco. *Magia e Bruxaria na Idade Média e no Renascimento*. Tradução: Sílvia Leser de Mello. USP, p. 14.

³⁰ Bula Papal de Inocêncio VIII.

outras torpezas que difundem o seu veneno para a destruição de muitas almas inocentes”, autorizando os representantes da Inquisição a punir os que dificultassem sua ação:

[...] ameaçar a todos que vierem a dificultar ou impedir a ação dos Inquisidores, a todos os que se lhes opuserem, a todos os rebeldes, de qualquer categoria, estado posição, proeminência, dignidade ou de qualquer condição que seja – não importando o privilégio de que disponha, bem como ameaçá-los com a excomunhão, a suspensão, a interdição, e inclusive com as mais terríveis penas, as piores censuras e os piores castigos³¹.

O Malleus Maleficarum e a Caça às Bruxas

Autorizados e protegidos pela referida bula papal, Kramer e Sprenger procederam assim à elaboração de um instrumento que pudesse servir de norteador na busca, julgamento e condenação dos hereges. Redigiram um manual, o *Malleus Maleficarum*, também conhecido como o Martelo das Bruxas, no qual descreviam os métodos para identificação e punição daqueles considerados hereges. É importante ressaltar que homens também foram condenados pela Inquisição por cometer atos de bruxaria, mas na maioria dos casos eram as mulheres que queimavam, ainda vivas, nas fogueiras da Inquisição, segundo Deirdre English e Barbara Ehrenreich, 85% de todos os executados.³² Esse manual foi a principal base para os agentes da caça às bruxas, sendo considerado a Bíblia do inquisidor.

O *Malleus Maleficarum* era dividido em três principais partes, sendo a primeira dedicada à descrição dos poderes demoníacos e à ligação do demônio com atos de bruxaria. A segunda parte do manual traz ensinamentos sobre o reconhecimento e a neutralização da bruxaria no cotidiano da população. A terceira e mais ardilosa parte do livro refere-se ao julgamento e às sentenças a serem aplicadas às pessoas que forem consideradas culpadas dos atos de feitiçaria.

Conforme os termos do *Malleus Maleficarum*, as “bruxas, também chamadas de feiticeiras, são assim denominadas por causa da magnitude de seus atos maléficis. São as que, pela permissão de Deus, perturbam os elementos – as forças da natureza -, são as que confundem a mente dos homens, conduzindo-os à descrença em Deus, e que, pela força terrível de suas fórmulas malignas, sem qualquer poção ou veneno, matam seres

³¹ Bula Papal de Inocência VIII.

³² EHREINREICH, Barbara ; ENGLISH, Deirdre. *Witches, Midwives & Nurses: A History of Women Healers*. 2ª ed. The Feminist Press, p. 8.

humanos.³³ Vale lembrar também que, “as bruxas, não pelo exercício de seus poderes naturais mas tão somente pelo intermédio do diabo, é que são capazes de executar efeitos maléficos³⁴”, segundo orientação do manual. Desse modo, nota-se que a figura da bruxa é necessariamente associada ao demônio e, portanto, uma forma de heresia imperdoável aos olhos da Inquisição.

Tomando como base o Martelo das Bruxas, os Inquisidores procederam a uma implacável caça às bruxas, levando à tortura e morte milhares de mulheres. Foi o grande manual da Inquisição, e, como se depreende da leitura de Byington, “um manual de ódio, de tortura e de morte, no qual o maior crime é cometido pelo próprio legislador ao redigir a lei.³⁵” Mediante a distorção dos discursos de grandes santos e intelectuais da Igreja, a exemplo de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, e estabelecendo a mulher como agente principal do demônio na Terra, Sprenger e Kramer criaram, a partir da elaboração do *Malleus Maleficarum*, um precedente para matar – principalmente mulheres – impiedosamente em nome de Deus.

Mas por que motivo as mulheres eram consideradas mais propensas a atos de bruxaria? Como já citado anteriormente, a relação entre as mulheres e seus conhecimentos a respeito da higiene, do parto, das ervas e das formas de cura pela natureza, as aproximava do universo mágico por associação. Ademais, ante o novo “espírito” da época, em que se produzia material com profundas críticas ao sexo feminino, depreende-se da leitura do *Malleus Maleficarum*, uma série de supostas razões pelas quais as mulheres representariam a maior parte dos praticantes da bruxaria. Há, inclusive, um capítulo inteiro dedicado ao esclarecimento do por que principalmente as mulheres se entregam às superstições diabólicas, no qual se lê, por exemplo, que “é um fato que maior número de praticantes de bruxarias é encontrado no sexo feminino”.

Segundo o *Malleus Maleficarum*, a primeira razão pela qual a mulher é mais vulnerável à ação do demônio seria o fato de possuírem maior credulidade, de modo que o diabo, com o objetivo de corromper a fé, prefere abordá-las. Chegam os autores a buscar na etimologia da palavra “feminino” argumentos para embasar tal alegação, ao afirmar que “*femina* vem de *fe* e *minus*, por ser a mulher sempre mais fraca em manter e

³³ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 2015, p. 67.

³⁴ *Ib.*, p. 68.

³⁵ BYINGTON, Carlos *in* KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 2015, prefácio, p 20.

preservar a sua fé”³⁶. A segunda razão, seria que “as mulheres são, por natureza, mais impressionáveis e mais propensas a receberem a influência do espírito descorporificado”, fato este que, se utilizado da maneira correta pode levá-las a serem mulheres virtuosas, mas, quando utilizado para a maldade, as transforma em criaturas perigosíssimas, de acordo com Kramer e Sprenger. Já a terceira razão, não menos importante, seria o fato de que as mulheres são donas de línguas traiçoeiras, sendo mais propensas à fofoca e a disseminação do aprendizado maligno proveniente de seu contato com o demônio, contaminando assim mais facilmente outras pessoas. Ademais, “por serem fracas, encontram modo fácil e secreto de se justificarem através da bruxaria.”³⁷

Os autores da obra em questão dedicam-se a criticar as mulheres de diversos modos, por vezes, referindo-se a elas como “perversas”, “maliciosas” e “mentirosas por natureza”. Uma das passagens mais duras ao referir-se às mulheres é aquela em que se lê: “houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente”³⁸. Prosseguem ainda dizendo que:

“em virtude da deficiência original em sua inteligência, são mais propensas e abjurarem a fé, por causa da falha secundária em seus afetos e paixões desordenados também almejam, fomentam e infligem vinganças várias, seja por bruxaria, seja por outros meios. Pelo que não surpreende que tantas bruxas sejam desse sexo”³⁹.

Dessa última passagem, depreende-se que a figura da bruxa foi, de fato, vinculada à mulher, mas, além disso, a mulher é considerada perversa não somente pelo fato de que é considerada herege pela prática da bruxaria, e sim pelo simples fato de ser mulher, pois pode se utilizar de outros meios que não a feitiçaria para infligir suas supostas vinganças.

A depreciação da imagem feminina no *Malleus Maleficarum* continua à medida que suas páginas vão se desenvolvendo, de modo que é possível encontrar trechos como “toda bruxaria tem origem na cobiça carnal, insaciável nas mulheres” e “a mulher é inimigo secreto e enganador.” O capítulo que se destina a tratar das razões pelas quais

³⁶ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 2015, p. 117.

³⁷ *Ib.*, p. 115.

³⁸ *Ib.*, p. 116.

³⁹ *Ib.*, p. 118.

as mulheres normalmente são alvo do demônio em sua busca por agentes do mal termina com a seguinte frase “e abençoado seja o Altíssimo, que até agora tem preservado o sexo masculino de crime tão hediondo: como Ele veio ao mundo e sofreu por nós, deu-nos, a nós homens, esse privilégio⁴⁰”.

Assim, nota-se que, com base nas regras do *Malleus Maleficarum* e numa visão demonizada da figura feminina, procedeu-se a uma perseguição implacável direcionada às mulheres. “De doadora da vida, símbolo da fertilidade para as colheitas e os animais, agora a situação se inverte: a mulher é a primeira e a maior pecadora, a origem de todas as ações nocivas ao homem, à natureza e aos animais”⁴¹.

Tais palavras fortaleceram o movimento da caça às bruxas como um todo e ajudaram a embasar todo um movimento de depreciação da figura feminina. Nas palavras de Barbara Ehrenreich e Deirdre English:

A caça às bruxas teve consequências duradouras. Sem dúvida, desde então um aspecto de ser mulher tem sido sempre associado à bruxaria, e as mulheres que continuaram atuando como cuidadoras e curandeiras têm sido rodeadas de uma aura de contaminação. Essa destrutiva e precoce exclusão das mulheres do exercício autônomo do cuidado e da cura foi um precedente violento e uma advertência para o futuro, que chegaria se converter em um assunto de nossa história.⁴²

A perseguição às mulheres sob o argumento da prática da bruxaria, foi de fato um triste marco no que diz respeito à história das mulheres, tendo tantas sido queimadas, massacradas, torturadas e assassinadas. A caça às bruxas, que teve início com a criação do *Malleus Maleficarum* na Idade Média, mas intensificou-se e levou milhares de mulheres à morte justamente quando o mundo estava adentrando a Idade Moderna, colaborou para a intensificação da visão da mulher como uma figura maléfica, caracterização esta a qual até os dias atuais permeia a existência feminina nesse mundo, ainda que em menor escala.

⁴⁰ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 2015, p. 121.

⁴¹ MURARO, Rose Marie in KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 2015, Introdução, p 16.

⁴² EHREINREICH, Barbara ; ENGLISH, Deirdre. Bruxas, Parteiras e Enfermeiras: Uma história das curandeiras. 2ª ed. The Feminist Press, p. 7.

CONCLUSÃO

A construção da figura da bruxa foi fator essencial para que se levasse adiante a perseguição feita pela Inquisição, uma vez que, ao identificar ou receber denúncias acerca de pessoas que praticavam atos de feitiçaria, a Igreja simplesmente procedia ao julgamento e condenação dessas pessoas. O que chama a atenção no processo de caça às bruxas é justamente o fato de que os seus alvos em muito raras ocasiões eram homens, de modo que a maioria esmagadora das pessoas que morreram queimadas ou foram torturadas sob o argumento da heresia eram mulheres.

O fato de que a literatura da Idade Média passou a menosprezar o sexo feminino, colaborando para sua associação ao pecado, ao que é fraco, luxurioso, pecaminoso e ruim, foi decisivo para o estabelecimento de um cenário posterior em que justamente as mulheres seriam perseguidas pela Igreja como hereges, como dissidentes da religião, quando, na verdade, eram nada mais que mulheres que vivam à margem do modelo tradicional da época, ou seja, mulheres solteiras ou descasadas, praticantes da medicina popular ou que seguiam padrões matrilineares.

A regularização da profissão da medicina foi outro fator que contribuiu para que as mulheres que tinham contato com instrumentos de cura, fabrico de remédios com uso de materiais naturais, conhecimento sobre o parto e saberes sobre o corpo humano e a higiene fossem consideradas dignas de condenação. Como a profissão de médico agora seria exercida somente por quem de direito fosse – e não é de se surpreender que essa fosse uma atividade restrita aos homens, dadas às circunstâncias e o pensamento misógino do período em questão, todo aquele que fosse identificado praticando a medicina sem a devida permissão e qualificação seria condenado também pela esfera judicial.

Assim, a perseguição às mulheres estava legitimada tanto pela justiça eclesiástica quanto pela laica, de maneira que, tendo sido criada a relação direta entre a mulher e a bruxaria, e a associação do sexo feminino aos saberes considerados “ocultos”, criou-se um cenário que tornou possível o julgamento e assassinato de um número exorbitante de mulheres nas fogueiras inquisitórias.

É importante ressaltar que, conquanto as condições para que a caça às bruxas efetivamente ocorresse tenham sido estabelecidas na Idade Média, assim como a criação do *Malleus Maleficarum*, a queima das bruxas de fato acontece já na Idade Moderna, tendo sido os casos de julgamento e efetiva punição de bruxas no período da Idade

Média isolados e não somente referentes à “hereges” do sexo feminino. Não se pretende com isso afirmar que não houve perseguição às bruxas na Idade Média, mas sim que, se comparada à matança sob o mesmo argumento realizada na Idade Moderna, os casos ocorridos na primeira são poucos, isolados e não ligados necessariamente ao sexo dos perseguidos. Foi na Idade Moderna que o projeto de aniquilação das bruxas resultou no maior número de mortes de pessoas, as quais, muitas vezes, nem mesmo tinham como escapar das supostas provas de seus crimes ou até mesmo confessavam somente por estarem sob tortura.

Ressalte-se, ainda, que todo o processo ocorrido entre o surgimento do discurso de desconfiança e menosprezo à mulher, a sua associação a práticas consideradas demoníacas e, portanto, heréticas, a elaboração de um manual que permitisse identificar e proceder à punição daquelas consideradas bruxas e a efetiva perseguição realizada tendo como alvo essas pessoas, resulta numa suposta presunção de “inferioridade” do sexo feminino.

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, Prudence. *The Concept of Woman. The Aristotelian Revolution (750BC-Ad 1250)*. Montreal-Londres, Eden Press, 1985.

ANDERSON, Bonnie S. e ZINSSER, Judith P. *Historia de las mujeres: una historia propia*: vol. 1. Barcelona: Critica, 1991

BROCHADO, Cláudia Costa. *Evangelhos em feminino: interpretações de uma escritora medieval ibérica*. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420371>.

Bula Papal de Inocêncio VIII.

BYINGTNON, Carlos in KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 2015.

CARDINI, Franco. Magia e Bruxaria na Idade Média e no Renascimento. Tradução: Sylvia Leser de Mello. USP.

EHREINREICH, Barbara ; ENGLISH, Deirdre. Bruxas, Parteiras e Enfermeiras: Uma história das curandeiras. 2ª ed. The Feminist Press.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 2015.

MURARO, Rose Marie in KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 2015.

PIZAN, Christine de. *A Cidade das Mulheres*. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. João Pessoa, Ed. Universitária – UFPB, 2012.

RIVERA GARRETAS, Maria Milagros. *La diferencia sexual en la historia*. Valencia: PUV, 2005.

RIVERA GARETAS, Maria Milagros. La política sexual. In: *Las relaciones em la Historia de la Europa Medieval*. Valencia, Tirant lo Blanch, 2006.

VINYOLES VIDAL, Tereza. *De medicina, de magia y de amor: saberes e práticas femininas em la documentación catalana bajomedieval*. Disponível em: https://www.durango-udala.net/portalDurango/RecursosWeb/DOCUMENTOS/1/1_5148_3.pdf